

volume

24/1

Agosto/2018

ISSN 1516-2095
ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica





Obra publicada pela

Universidade Federal de Pelotas

Reitor: Pedro Rodrigues Curi Hallal
Vice-Reitor: Luis Isaías Centeno do Amaral

Chefe de Gabinete: Aline Elias Lamas

Pró-Reitor de Graduação: Maria de Fátima Cossio

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Francisca Ferreira Michelin

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Otávio Martins Peres

Pró-Reitor Administrativo: Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Infra-estrutura: Julio Carlos Balzano de Mattos

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis: Mário Renato de Azevedo Jr.

Pró-Reitor de Gestão Pessoas: Sérgio Batista Christino

CONSELHO EDITORIAL

Representante das Ciências Agrônomicas: Guilherme Albuquerque de Oliveira Cavalcanti (Titular), Cesar Valmor Rombaldi (suplente) e Fabrício de Vargas Arigony Braga (suplente) | Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Adelar José Strieder (titular) e Juliana Pertille da Silva (suplente) | Representante da Área das Ciências Biológicas: Raquel Ludke (suplente) | Representante da Área das Engenharias e Computação: Darci Alberto Gatto | Representantes da Área das Ciências da Saúde: Claiton Leoneti Lencina (titular) e Giovanni Felipe Ernst Frizzo (suplente) | Representante da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Célia Helena Castro Gonsales | Representante da Área das Ciências Humanas: Charles Pereira Pennaforte e Guilherme Camargo Massau (suplente) | Representantes da Área das Linguagens e Artes: Josias Pereira da Silva (titular) e Maristani Polidori Zamperetti (suplente)

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira

Vice-Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristuê Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristuê Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPel)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFMS)

Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editores: Magno Santos | Fernando Ripe

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2018/1

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. v.24/1, (ago. 2018). – Pelotas: Editora da UFPel, 2018.
1v.

Annual
ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center

PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 3208

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

*** Obra editada e publicada em agosto de 2018**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E DO ENSINO DE HISTÓRIA: TEMAS, FONTES E PROBLEMATIZAÇÕES

HISTORY OF EDUCATION AND HISTORY TEACHING: THEMES, SOURCES AND PROBLEMATIZATIONS **06**

Magno Santos | Fernando Ripe

A ESCRITA E O ENSINO DE HISTÓRIA NO SÉCULO XIX E A REPRESENTAÇÃO DOS INDÍGENAS NAS LIÇÕES DE JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

THE WRITING AND TEACHING OF HISTORY IN THE NINETEENTH CENTURY AND THE REPRESENTATION OF INDIGENOUS IN LESSONS OF JOAQUIM MANUEL DE MACEDO **10**

Martha Victor Vieira

AS REPRESENTAÇÕES DO ASILO DE ÓRFÃS SÃO BENEDITO NA IMPRENSA LOCAL PELOTENSE DURANTE A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

THE REPRESENTATIONS OF THE ASILO DE ÓRFÃS SÃO BENEDITO IN THE LOCAL PRESS PELOTENSE DURING THE FIRST HAL OF THE XX TH CENTURY **33**

Jeane dos Santos Caldeira | Jezuína Kobls Schwanz

IMAGENS DAS OFICINAS PROFISSIONALIZANTES SALESIANAS NA CIDADE DO RIO GRANDE/RS (1910-1960).

IMAGES OF SALESIAN PROFESSIONAL WORKSHOPS IN THE CITY OF RIO GRANDE / RS (1910-1960). **51**

Hardalla Santos do Valle

A EDUCAÇÃO FEMININA ENTRE A NORMALIZAÇÃO E A RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DA REVISTA CARETA (1914-1918)

THE FEMALE EDUCATION BETWEEN NORMALIZATION AND RESISTANCE: AN ANALYSIS OF THE SPEECHES OF CARETA MAGAZINE (1914-1918) 72

Fernanda C. Costa Frazão

DA MATERIALIDADE AO CONTEÚDO: ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO DO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO

FROM MATERIALITY TO CONTENT: ANALYSIS OF THE DIDACTIC MATERIAL OF THE BRAZILLIAN LITERACY MOVEMENT 102

Leide Rodrigues dos Santos

“EDUCAR É CONSTRUIR PARA O INFINITO”: ANÁLISE DOS DISCURSOS TRANSFORMADORES RELATIVOS À REFORMA DE 1971 NOS EDITORIAIS DA REVISTA DO ENSINO DO RIO GRANDE DO SUL (1972-1974)

"EDUCATION IS BUILDING FOR THE INFINITE": ANALYSIS OF THE TRANSFORMING SPEECHES RELATED TO THE REFORM OF 1971 IN THE EDITORIALS OF THE REVISTA DO ENSINO DO RIO GRANDE DO SUL (1972-1974) 121

Simôni Costa Monteiro Gervasio | Alessandro Carvalho Bica

O ENSINO DE HISTÓRIA E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: OS DESAFIOS DOS PROFESSORES NO ENSINO FUNDAMENTAL

THE TEACHING OF HISTORY AND EDUCATIONAL PRACTICE: THE CHALLENGES OF TEACHERS IN ELEMENTARY SCHOOL 145

Helena Gouveia da Silva Oliveira | Irlanda do Socorro de Oliveira Mileo | Renato Pinheiro da Costa

**NAS VOLTAS QUE A FORMAÇÃO EM HISTÓRIA DÁ: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA SOBRE O ESTAR COORDENADOR PEDAGÓGICO NA
REDE BÁSICA DE ENSINO**

THE TURNS THAT THE GRADUATION IN HISTORY GIVES: A REPORT OF
EXPERIENCE ON THE STUDENT PEDAGOGICAL COORDINATOR IN THE
BASIC NETWORK OF TEACHING

Felipe Nóbrega Ferreira

170

DA MATERIALIDADE AO CONTEÚDO: ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO DO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO

FROM MATERIALITY TO CONTENT: ANALYSIS OF THE DIDACTIC MATERIAL OF THE BRAZILIAN LITERACY MOVEMENT

Leide Rodrigues dos Santos¹

Resumo: O presente estudo objetiva analisar o material didático do Mobral, através da perspectiva teórica da História Cultural. O material didático produzido pelo Mobral torna-se um veículo importante de valores, ideologias e cultura, podendo ser um instrumento de reprodução do saber oficial imposto por setores do poder e do Estado. Por trás do conteúdo, há o suporte, que compreende a tiragem, o número de páginas, o acabamento, as imagens, a estrutura do livro e a seleção de seu conteúdo. Ao apresentar cada um destes suportes, são feitas discussões, salientando os limites que esse tipo de análise do material didático pode apresentar ao pesquisador. Para um estudo cultural da produção didática é preciso entender esse suporte enquanto meio real de se materializar os discursos impressos por quem os produz e permite sua publicação. Assim, conclui-se que a proposta é pertinente para perceber a complexidade do material didático dentro de uma perspectiva historiográfica em que os estudos estão para além dos conteúdos impressos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Produção didática; Mobral.

Introdução

Uma primeira aproximação com estudos que envolvem materiais didáticos enquanto fonte de pesquisa demonstrou o quanto as investigações dessa temática têm crescido no âmbito da História da Educação. Isso revelou a necessidade de problematizar historicamente os materiais didáticos do Mobral. Para tanto, foi preciso entender de que forma diferentes objetos já desconsiderados na construção do conhecimento histórico tornaram-se temáticas recorrentes na historiografia da educação na atualidade.

A partir do surgimento da corrente denominada de “Terceira Geração dos Annales”,² a inserção da história da educação no campo da história

¹ Especialista em História do Brasil pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: leiderodrigues.on@hotmail.com

² Desde os anos 30 do século XX na França, através das críticas vindas pelos historiadores dos Annales, a História passa a inserir novos objetos. As questões históricas e outros campos de pesquisas passaram a ser anexados ao território do historiador. A interdisciplinaridade proposta pelos Annales promoveu o diálogo com a Filosofia, a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia e etc. Assim, novos teóricos, objetos, domínios,

cultural possibilitou uma maior diversidade no uso das fontes de pesquisa. Nesse processo, ocorreu uma mútua fecundação, em que a história da educação, ainda que dotada de objeto próprio, passou a empregar procedimentos metodológicos, conceitos e referenciais teóricos, bem como objetos de investigação ligados à história cultural. A contribuição da história cultural para a história da educação está em proporcionar dimensões ainda pouco exploradas e novos olhares sobre a tradição (educação/normatividade).

A expansão de pesquisa e a renovação temática inseriram nas investigações campos antes renegados e os transformou em tendência mundial. Diversos autores passaram a problematizar a educação em diferentes temas (a leitura, as disciplinas escolares, as instituições, os métodos de ensino, as estatística, os ofícios e os saberes), em diferentes sujeitos (a criança, a mulher, o negro, o aluno, o professor e os dirigentes escolares), em diferentes fontes documentais (imprensa, periódicos, relatórios oficiais, correspondências, manuais escolares, inventários, livros de leituras e imagens) e em diferentes abordagens teórico-culturais (VEIGA; FONSECA, 2008).

Partindo para análise da literatura existente sobre o tema em questão, identifiquei que o subtema “material didático” vem sendo aos poucos explorado, porém, ainda é pequeno o número de trabalhos voltados exclusivamente para essa análise. Segundo Bittencourt (1993 apud MELLO, 2010), o motivo principal da ainda pequena produção de estudos e investigação sobre o livro didático se deve ao fato de este caracterizar-se por ser um produto a ser consumido em tempo breve, criando um paradoxo: possui uma grande tiragem de exemplares, porém é pouco preservado, raramente encontra-se em locais adequados, na maior parte das vezes, em péssimo estado de conservação dificultado o acesso à pesquisa.

Para que esse trabalho venha somar-se ao de outros historiadores da educação, a princípio, considero de suma importância delimitar a concepção de materiais didáticos no estudo em que me proponho fazer. Em uma acepção mais ampla, todos os materiais ou meios utilizados pelo professor com o fim precípua de ensinar determinado conteúdo podem ser chamados de materiais didáticos, sejam eles elaborados pelas editoras ou até por produções confeccionadas por alunos dentro das classes.

Para dar conta da diversidade de materiais didáticos, Circe

modelos metodológicos e temáticos, como também a inserção de novos sujeitos, alargam os horizontes da história. A história passa ser também “vista de baixo”, abarcando as experiências e a individualidade dos sujeitos comuns.

Bittencourt coordena o projeto LIVRES (Livros Escolares Brasileiros) e organiza um banco de dados com o censo das produções didáticas do ensino primário e secundário editados no Brasil entre os anos de 1810 e os dias atuais. A concepção adotada pelo LIVRE define os seguintes gêneros didáticos: manual do aluno, livro do professor, livro de consulta, livro de desenvolvimento de leitura, livro de alfabetização, paradidáticos, apostilas e caderno de atividades (BITTENCOURT apud MELLO, 2010). Destes utilizaremos apenas os livros de desenvolvimento de leitura destinados ao aperfeiçoamento da leitura e direcionado aos alunos já alfabetizados.

Dentro dessa vasta possibilidade, três aspectos de abordagens se destacam no âmbito das pesquisas: as questões de ordem pedagógica, econômica e política. A importância do material didático não se restringe aos seus aspectos pedagógicos e às suas possíveis influências na aprendizagem e no desempenho dos alunos, ou seja, na eficiência e eficácia do livro didático. O “mercado” criado em torno do livro didático faz dele importante mercadoria econômica, cujos custos, editores, poder público e receptores muito influem na possibilidade de acesso desse material ao expressivo contingente da população escolarizada. O livro didático também é importante em aspecto político e cultural, na medida em que reproduz e representa os valores da sociedade em relação à sua visão da ciência, da história, da interpretação dos fatos e do próprio processo de transmissão do conhecimento (OLIVEIRA, et al., 1984, p.11).

Ao considerá-lo na perspectiva cultural, torna-se objetivo de análise a produção do material didático utilizado no Mobral no período de 1970 a 1985, percebendo as influências exercidas pelo regime militar sobre os diversos agentes nos campos da produção editorial e pedagógico. Identificar a estrutura do Mobral e o modo como estava sendo direcionado o discurso intencional do Estado na política de educação de adultos; revelar a quantidade de publicação e o volume de exemplares impressos, a fim de perceber o impacto do movimento no território nacional e o volume de recursos humanos e econômicos demandados; desvendar a relação entre o projeto gráfico e a proposta pedagógica do movimento, os critérios de seleção e organização dos conteúdos, foram questionamentos basilares para esta investigação.

Realizamos predominantemente uma pesquisa teórico-documental, por meio da qual tomamos conhecimento das diretrizes que norteiam a política educacional desenvolvida pelo Mobral. Elegemos apenas os materiais impressos e através do cruzamento de fontes, perceberemos as semelhanças e diferenças na elaboração do material, conteúdo e método nele utilizado e também visualizamos elementos primordiais na divulgação dos ideais militares. Para investigação dos materiais didáticos recorreremos principalmente à linguagem

do próprio material, envolvendo, textos e iconografia, assim como seus agentes específicos os que encomendavam, os autores e os editores. Ao lado do método de leitura interna, buscamos informações em outras bibliografias de referência sobre o contexto histórico do momento.

Materiais didáticos do Mobral

Era função das seis editoras escolhidas (Abril Cultural S.A., Bloch Editores S.A., Gráfica Editora Primor S.A., Lisa, Vecchi e José Olímpio)³ confeccionar o material didático do Mobral de acordo com os critérios gráficos e metodológicos preestabelecidos pela organização do Movimento. As características gráficas referem-se ao formato, ao tipo de papel, ao corte, ao número de páginas, ao acabamento, e as características metodológicas deveriam estar adequadas conforme a filosofia do Mobral.

Embora elaborados pelas editoras, o material didático era encaminhado para o Grupo de Trabalho de Avaliação do Material Didático, ligado à Secretária Executiva e formado por professores, linguistas e técnicos de programação visual. Ao GT cabia a função de zelar pelo conteúdo, coerência e adequação das publicações utilizadas nos diversos programas do Mobral. São afazeres do GT de Avaliação:

- avaliar continuamente os materiais didáticos;
- avaliar projetos de novos materiais;
- elaborar critérios para avaliação e reformulações de materiais didáticos;
- acompanhar a experimentação de novos materiais;
- elaborar projetos sobre materiais didáticos;
- orientar a elaboração de novos materiais (MENDONÇA, 1985).

São três etapas de avaliação realizada pelo GT: a pré-avaliação em que é analisada a compatibilidade do material à filosofia do Mobral. Dentre os critérios de pré-avaliação destaco a “compatibilidade com a metodologia adotada no Mobral” e a “seleção temática compatível com a clientela do Mobral”. Não estando aprovado nesses critérios o material é retirado do processo de avaliação. Sendo aprovado é submetido à segunda etapa, a avaliação do processo. Nessa etapa, os membros do GT individualmente começam o trabalho de avaliação do processo e o resultado é encaminhado às editoras

³ Apesar das bibliografias encontradas apontarem três ou seis editoras produtoras do material, durante a montagem do acervo, encontrei livros produzidos por editoras não citadas em outras literaturas, a exemplo: a editora Melhoramentos.

através de um parecer que registra as sugestões para reformulações. A seguinte fase do processo é a pós-avaliação, que efetua possíveis modificações no material que já vem sendo usado bem como especifica novos critérios de julgamento (MENDONÇA, 1985).

Após passar por diversas reformulações era necessário receber o aval do GT que o liberava para que a editora proceda à fixação de preços. Sendo concluída a formação de preços é remetida à Secretária Executiva do Mobral, que procede a análise junto a Assessoria de Organização e Métodos, autorizando ou não a impressão do material.

Apesar desses critérios estabelecidos pelo Mobral e de todo o processo de avaliação, é possível notar uma vasta diversificação quanto à produção didática feita pelas diferentes editoras. Os livros e cartilhas apresentam características distintas quando se referem à materialidade, porém, aproximam-se quanto à questão de conteúdo.

Capa, contracapa e miolo: da materialidade ao conteúdo

De acordo com Marcia Takeuchi (2005), entende-se por materialidade o que existe por trás do conteúdo simbólico, mas que lhe serve como suporte, a tiragem o número de páginas, o acabamento, as imagens, a estrutura do livro e a seleção de seu conteúdo. Para um estudo cultural da produção didática é preciso entender esse suporte enquanto meio real de se materializar os discursos impressos por quem os produz e permite sua publicação.

Para Chartier “compreender os princípios que governam a “ordem do discurso” pressupõe decifrar, com todo o rigor, aqueles outros que fundamentam os processos de produção, de comunicação e recepção dos livros (e de outros objetos que veicule o escrito)” (1998, p.8).

Dessa maneira, ao analisar os materiais didáticos do Mobral percebemos as primeiras diferenças nos aspectos físicos. Apesar dos tipos de encadernação serem semelhantes, o projeto gráfico da capa e do miolo (as páginas internas do livro) contém qualidades distintas. Os livros *Assim é nossa terra nosso mundo*, *Eu agora sou mais eu*, *Boa pergunta e Quem lê...vai longe*, apresentam uma maior qualidade nos elementos tipográficos (*layouts* com um bom contraste de cores e tamanho das fontes apreciável para leitura). Já o livro *Textos* é mais rústico e inacabado, não existe uma capa com papel que diferencie do miolo, as cores empregadas se resumem ao preto e ao rosa, além de não possuir gravuras na capa ou maiores informações, aparecendo apenas o nome do Programa,

acompanhado do título do livro e os responsáveis pela produção (Ministério da Educação e Cultura e o Movimento Brasileiro de Alfabetização).

O papel também varia quanto à editora e a modalidade da publicação, podendo apontar entre regular e ótimo. Dos materiais analisados não encontrei nenhum confeccionado com papel de qualidade ruim ou péssima. Em nenhuma das fontes a impressão prejudica a visibilidade do verso da página.

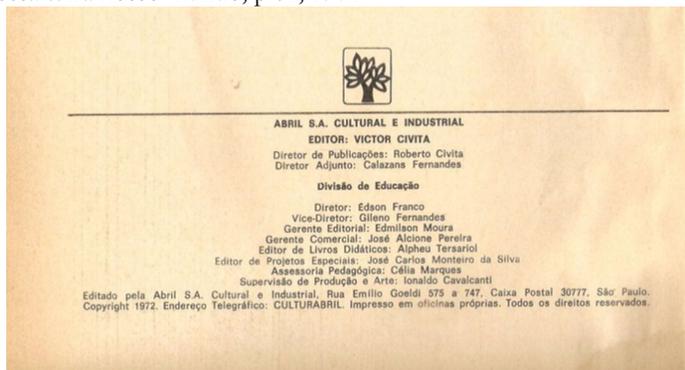
Outras características elencadas aqui são os critérios de organização. Apenas quatro dos cinco livros analisados apresentam sumário, porém todos possuem as informações técnicas.⁴ Entretanto, algumas informações técnicas como datas, editores e volume da edição, não são listados, o que dificulta o trabalho do pesquisador na localização de dados. Mesmo não trazendo por completo as informações técnicas, os livros estudados mostram dados como o nome do Presidente da República, Ministro da Educação e Cultura e representantes (presidente e secretário executivo) do Movimento Brasileiro de Alfabetização.

O livro *Textos* traz como dados técnicos, a editora Bloch, os editores, Adolpho Bloch, Oscar Bloch Sigelmann, Pedro Jack Kapeller e Nelson Alves, além de apontar os diretores da editora. Quanto ao planejamento e elaboração do livro em questão, apresenta os responsáveis pela coordenação didática, coordenação de textos e consultoria. Ainda compõe a ficha os nomes do Presidente da República (Emílio Garrastazu Médici), do ministro da Educação e Cultura (Jarbas Passarinho), do presidente (Mário Henrique Simonsen) e do secretário executivo (Felipe Spotorno) do Movimento Brasileiro de Alfabetização. Apesar da quantidade de informações, o livro não apresenta data. Mediante a coleta de elementos, presume-se que foi produzido entre os anos (1969-1974), período em que Médici esteve à frente da presidência do Brasil.

Das cinco produções avaliadas nesse estudo, apenas o livro *Assim é nossa terra nosso mundo*, não traz informações referentes às questões políticas e organizacionais do período. Compõe a ficha técnica apenas os dados referentes à obra: a editora (Abril S.A. Cultural e Industrial), o editor geral, o ano de produção, além dos envolvidos na produção, diretor, vice-diretor, gerente editorial e comercial, editor de livros didáticos, editor de projetos especiais, assessoria pedagógica e supervisão de produção e arte (*Figura 01*).

⁴ O livro “Texto” é o único dos estudados nesta pesquisa que não apresenta sumário ou índice.

Figura 01: Ficha técnica - Assim é nossa terra nosso mundo
Assim é nossa terra nosso mundo, p.02, 1972.



No Programa de Alfabetização Funcional (PAF), o material didático era constituído de cartazes geradores, livro-texto, exercícios de linguagem, exercícios de matemática, manual do professor, além de dois livros para leitura continuada e o *Jornal Mobra*. Para aqueles alunos que terminavam o PAF, mas ainda não tinham se matriculado no Programa Educação Integrada (PEI), recebiam mensalmente a revista *O Passo*.⁵

Na fase experimental do PEI foi distribuído aos alunos e professores o conjunto constituído por *livro de texto* – para permitir por meio dos trabalhos com textos, o desenvolvimento do programa de acordo com a metodologia do Mobra; *livro glossário* – para estimular a pesquisa vocabular, auxiliando na decodificação das palavras; *livro de exercícios de matemática* – para facilitar a fixação de conceitos matemáticos e sua aplicação em diferentes situações; *livro do professor* – para facilitar ao professor a fixação dos fundamentos e estrutura do Programa; *Conjunto de cartazes* – para servir de elemento estimulador na exploração dos textos (CORREA, 1979).

Com a expansão do Programa em 1972, foram incorporados novos materiais com conteúdos das áreas de Estudos Sociais e Ciências, que passaram a compor o conjunto de leitura complementar. Em 1973, a enciclopédia *A Aventura do Homem*, composta por 24 fascículos, passa a ser utilizada pelo aluno

⁵ BRASIL. *Documento Básico Mobra*. Rio de Janeiro, 1973.

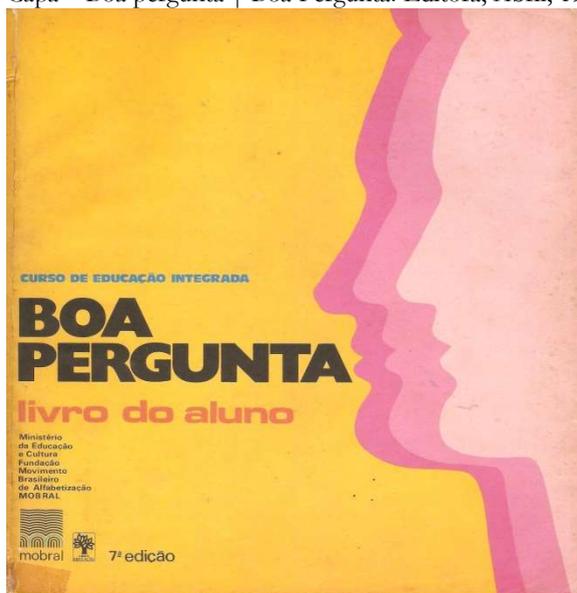
em sala de aula ou por empréstimo.

A incoerência quanto ao próprio nome do programa aparece na capa do material destinando ao PEI. No livro *Textos*, elaborado pela editora Bloch, sem data, o nome do Programa aparece como descrito em todos os documentos oficiais – Programa de Educação Integrada (*Figura 02*). Já no livro do aluno *Boa Pergunta*, organizado pela editora Abril em 1977, o programa ganha outra titulação – *Curso de Educação Integrada – (grifos nossos)*, não sendo encontrada nenhuma fonte que indique a alteração na titulação do programa. Essa incoerência nos leva a crer tão somente que os olhos dos avaliadores talvez estivessem mais focados nos aspectos ideológicos, deixando passar pequenos erros gráficos (*Figura 03*).

Figura 02: Capa – Textos | Textos: Editora Bloch.

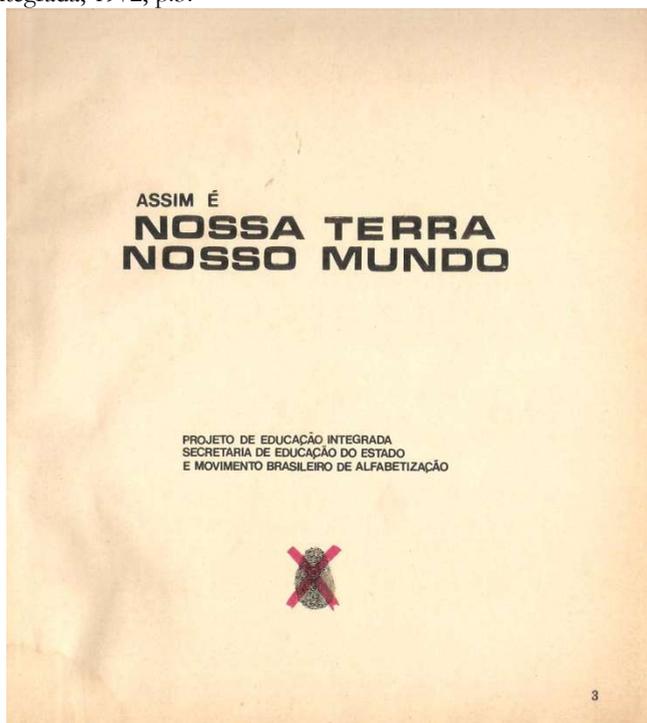


Figura 03: Capa – Boa pergunta | Boa Pergunta: Editora, Abril, 1977.



Essa incoerência quanto ao nome do programa não aparece apenas em uma publicação da *Editora Abril*. Um erro semelhante já havia ocorrido anos antes na publicação de 1972, *Assim é nossa terra nosso mundo*. O nome do programa aparece na descrição da contracapa com a descrição Projeto de Educação Integrada (*Figura 04*).

Figura 04: Contracapa - Assim é nossa terra nosso mundo | Projeto de Educação Integrada, 1972, p.3.



O conteúdo que abordaremos com ênfase ao logo do trabalho chama atenção em alguns critérios. O primeiro volta-se à repetição de conteúdo, imagens, palavras geradoras com grande parte das temáticas fazendo referência à pátria, à família, à saúde, ao desenvolvimento, ao progresso e ao trabalho e todas fazendo referência ao momento histórico vivenciado no período:

Tudo isso une o povo brasileiro e nos faz amar o Brasil, nossa Pátria (Boa pergunta, 1977, p.104).

A saúde é muito importante para que o homem esteja sempre bem disposto no trabalho, na vida com outras pessoas, na hora da diversão (Boa pergunta, 1977, p.20).

Hoje em dia todo mundo fala em desenvolvimento. Mas cada pessoa acha que desenvolvimento é uma coisa diferente (Boa pergunta, 1977, p.114).

O progresso nacional depende muito da eficiência dos Correios (Textos, s/d, p.23).

Desde pequeno o homem vive em comunidade. Primeiro no

seio da família (Textos, s/d, p.70).

Outro fator observado refere-se à linguagem adotada. Mesmo variando conforme sujeitos que produziram o material, merece destaque a não “infantilização” do conteúdo, infelizmente, muito comum nos materiais didáticos utilizados na Educação de Jovens e Adultos. Os conteúdos aparecem muito próximos da realidade do público alvo do Mobral (adultos) e em idade compatível com os interesses do mercado de trabalho, demonstrando que o projeto visual, os recursos gráficos e as ilustrações que acompanham os textos foram elaborados pensando nas características sociais, culturais e cognitivas dos “mobralenses”.⁶

Os textos, mesmo quando mais longos, são apresentados em conjuntos com recursos visuais de modo a não tornar a leitura cansativa ao mesmo tempo em que representa o conteúdo tornando-o mais próximo do leitor. As gravuras nos livros servem para facilitar a memorização do conteúdo, sendo cuidadosamente apresentadas no corpo da página, mesclando as cenas com o texto e as explicações escritas pelo autor (LAVISSE apud BITTENCOURT, 2004, p.75).

⁶ Mobralense é todo aquele que se engaja em qualquer das atividades comunitárias do Movimento (CAVALCANTI et al., apud CORREA, 1979, p.276).

Figura 05 - Enxada: Primeiro instrumento de trabalho | Textos, s/d, p.139.

Na figura 05, o foco do texto é a enxada, “primeiro instrumento de trabalho”. Entretanto, a ênfase maior é dada ao trabalhador que a utiliza para “limpar os solos das plantas daninhas, cavar a terra para que os lavradores possam plantar”. Ao relacionar figura ao texto, este aparece tomando um menor espaço, tornando válido que a função de ilustrar não cabe às imagens e acaba sendo o propósito do texto; já à figura compete o papel de levar a informação e criar identificação com o leitor. Ainda assim, a ilustração apresenta ligação direta com o conteúdo, voltado para as características de vivência da clientela do Mobral.

Vale ainda um destaque, como o Mobral buscava antes de tudo uma alfabetização rápida e de baixo custo, para baratear a produção e facilitar o apoio logístico, “o material foi único para todo país”. Dessa forma, não obedecia ao caráter regional nem às particularidades de cada estado onde foi implantado,

deixando de enfatizar o papel transformador da cultura e do sujeito.

Esse caráter nacional não foi uma exclusividade do Mobral. A Campanha de Educação de Adultos (CEA) em 1947, primeira iniciativa de âmbito nacional voltada para educação de jovens e adultos, já atuava na produção de material didático em larga escala para distribuição para todo território brasileiro. A Campanha de Educação de Adultos (CEA) promovida a partir de 1947 até meados de 1950 tinha por objetivo estender as oportunidades de escolarização a todos adolescentes e adultos analfabetos através do ensino supletivo que proporcionava a difusão da leitura e da escrita.

Para produção dos recursos didáticos, a União realizou articulações com os governos estaduais e municipais, além do apoio da sociedade civil. Os temas eram relativos à higiene e saúde, as noções de cidadania, a história e geografia. Apesar dos materiais de leitura serem voltados ao contexto do campo e do trabalho, o conteúdo básico para alfabetização era infantilizado (MELLO, 2010).

Posteriormente surge o Sistema Rádio Educativo Nacional – SIRENA (1957), outro programa de ordem oficial com a mesma caracterização de âmbito nacional para o material didático. Apesar de ser um material esteticamente bonito por utilizar cores na impressão, a Radiocartilha é pedagogicamente inadequada ao contexto sociocultural do público adulto, pois não respeitava a diversidade regional, possuía frases sem sentido e infantilização dos conteúdos (FAVERO apud MELLO, 2010, p.68).

Não obstante, nem todos os programas seguiam a produção de material de âmbito nacional. Iniciativas populares que nasceram das preocupações dos intelectuais, políticos e estudantes com a participação das classes populares na tomada consciência da situação em que estavam inseridos buscava produzir seu próprio material. A ideia seria que, com o material próprio, pudesse conscientizar a massa popular para a formação de uma consciência político e social, promovendo a valorização do homem brasileiro e a desalienação da cultura nacional (PAIVA, 2003).

A cartilha produzida pelo Movimento de Cultura Popular (MCP) – (1960) é um exemplo que foge à regra do material com perfil nacional. As lições introduzidas nas cartilhas estavam relacionadas aos conceitos pertinentes à realidade nordestina com situações problemas fundamentadas pelas condições da população adulta analfabeta. O Movimento de Cultura Popular (MCP) foi organizado primeiramente em maio de 1960 perante a iniciativa de jovens universitários que uniu artistas e intelectuais à Prefeitura de Recife, na administração do prefeito Miguel Arraes, com objetivo de combater o

analfabetismo e elevar o nível cultural do povo. No MCP, Paulo Freire atuava como diretor na divisão de pesquisa do Departamento de Formação da Cultura e utilizava os Centros e os Círculos de Cultura para alfabetizar e servir de laboratório privilegiado para sistematização dos métodos, além das diversas contribuições teóricas e práticas até hoje utilizados nas concepções de educação de adultos.

Quanto às justificativas para a concepção do material didático de abrangência nacional, a organização do Mobral sinaliza que a utilização das palavras geradoras são capazes de ser compreendidas em todo o país, o que facilitaria e tornaria o material didático acessível à condição econômica existente, às necessidades básicas de sobrevivência, de afirmação comuns a todos os seres humanos independentemente de longitudes e latitudes (BRASIL, 1979). Ainda sobre produção dos materiais didáticos, o MEC aponta:

O material didático foi elaborado obedecendo às mais modernas técnicas de comunicação: cores, letras, palavras, frases, ilustrações, assuntos usados intencionalmente com seqüência previamente elaborada e em progressiva dificuldade. Os livros de leitura continuada (complementar à fase de alfabetização) introduzem o aluno em atividades que tem por objetivo a elevação do seu nível de vida (partindo do ambiente doméstico) desenvolvendo hábitos de trabalho, o que irá necessariamente repercutir na sua economia (MEC, 1971, p.40)

Observando os dados dos primeiros anos de implantação do PEI, é possível notar a dimensão do número de material didático adotado pelo Programa. Os números são tão exorbitantes que não condizem com a demanda de alunos matriculados no programa, conforme indicam as tabelas seguintes:

Quadro 1 - Número de alunos atendidos pelo PEI

Ano	Número de alunos matriculados no PEI
1971	33.462
1972	511.462
1973	549.865
1974	508.802
1975	513.479
1976	440.521
1977	625.294

Quadro 2 - Materiais didáticos produzidos para o PEI

Publicações PEI	1972
Textos	1.400.000
Livros de Consulta	1.400.000
Livro de Matemática	1.900.000
Manual do Professor	61.580
Livros de Leitura Complementar	6.201.000
Cartazes Didáticos	515.000
Periódico “Integração”	11.600.000

Fonte: Relatório UNESCO, 1974.

É de estranhar a grande tiragem no número de exemplares dos materiais produzidos. Baseado nos dados do Programa de Educação Integrada em 1972 são visíveis as diferenças entre as tiragens astronômicas e o número de estudantes matriculados. Os dados indicam que, para os 511.462 alunos inscritos no PEI, foram publicados e distribuídos no mesmo ano cerca de 1.400.000 livros *Textos*, 1.400.000 *Livros de Consulta*, 1.900.000 *Livro de Matemática*, 6.201.000 *Livros de Leitura Complementar* e 11.600.00 do periódico *Integração*. O que explicaria o número de materiais bem acima do número de alunos matriculados? Se eles existiram para além dos dados, o caráter descartável também pode significar um dos fatores que impossibilitou encontrar boa parte desse material? De fato, não é possível encontrar definições nem critérios que explique as grandes tiragens que compõem as coleções citadas.

Todavia, esse não é apenas um dos problemas encontrados durante a execução do Mobral. Anos após a extinção do Movimento, ainda é evidente o caráter negativo criado em torno do projeto que prometeu erradicar o analfabetismo do Brasil. Parte dessa construção se deve ao fato das denúncias em que o Mobral aparece como um meio de propaganda do regime militar, uma política voltada para demonstrar atenção às classes populares, ao mesmo tempo em que servia de veículo para transmissão de valores e ideias consolidadoras de um espírito nacional condizente e apoiador do governo.

O regime ditatorial implantado no Brasil entre os anos de 1964-1985, caracterizado pelo autoritarismo, censura, inexistência de liberdade de expressão, cerceamento dos direitos constitucionais, tortura como instrumento de repressão e coerção política, dominaram o cenário do também chamado “milagre econômico”. Tanto “milagre econômico” quanto os “anos de chumbo” foram simultâneos, marcados por contradição. Ao mesmo tempo em que houve expansão na economia do país medido pelos indicadores no crescimento de 10% do Produto Interno Bruto (PIB), igualmente, cresceram a desigualdade e a violência social, alimentadas em boa parte pela violência do Estado.

Ainda que perverso para maioria da população, o crescimento econômico impulsionou a expansão do mercado interno e multiplicou a concentração de renda da burguesia nacional e multinacional. Os valores do exímio crescimento econômico foram pagos no futuro, pois os empréstimos estrangeiros geraram uma dívida externa alta para os padrões econômicos do Brasil.

Nesse contexto, a propaganda foi um importante veículo ideológico, servindo de instrumento na divulgação dos avanços alcançados durante o período militar. Propaganda essa implícita não somente nos meios de comunicação, como também em consonância com outros objetos de produção e utilização do regime, a saber, os próprios materiais didáticos do Mobral. A propaganda buscava especialmente difundir noções de um país em desenvolvimento e “guiar” a sociedade nessa direção, porém, com um discurso mais simples e menos “politicado”, para não afastar a população. O objetivo era mostrar as “boas intenções” e as “boas ações” dos militares, além de apontar e neutralizar “ameaças” como a falta de moral e a subversão.

As ideias que aparecem visando atender a todos, satisfazer as necessidades da maioria e promover o bem-estar da população, ocultavam os interesses de legitimação política, os benefícios dos grandes capitais e buscavam neutralizar o senso crítico dos indivíduos.

Todavia, atentamos ao fato que, mesmo que se tenha utilizado todo um mecanismo controlador para que pudessem ser estabelecidos os ideais do regime militar, não é possível comprovar a efetividade destes. A diversidade de sujeitos envolvidos nesse processo de produção, permite perceber que, mesmo os materiais didáticos comungando desses ideais, a interpretação dele permite uma heterogeneidade de análise capaz de se adequar ou distanciar desses ideais.

Considerações finais

É importante salientar que embora o material didático do Mobral tenha tido um caráter nacional, ainda que apresente contradições quanto à metodologia e aplicação do mesmo em sala de aula, jamais deveremos esquecer-nos da participação do leitor e dos produtores na sua construção. Nesse trabalho pensamos não somente a materialidade e conteúdos didáticos, mas percebemos o papel das diferentes escritas e leituras através da pluralidade de indivíduos envolvidos nesse processo, cabendo um destaque às orientações da organização do Movimento. Assim, o material didático tornou-se fruto da relação ensino e aprendizagem através da interação dos vários sujeitos.

As narrativas destacadas nesse estudo, embora carreguem o discurso intencional do Estado, não anula o consumidor do livro didático, afinal este é “um rosto de vários rostos”, composto por escolhas que demarcam interesses distintos, seja por quem produz ou consome. A escrita dessa história é singular e plural ao mesmo tempo, tanto para cada autor, para cada leitor (OLIVEIRA, 2007). Assim, observamos que, ainda que ambos os textos tenham sido direcionados a determinando público – os educandos matriculados no PEI - cada leitor é singular, pois constrói uma apropriação do texto que recebe e, mesmo no formato impresso único, a interpretação será sempre plural. A leitura feita diante de uma imagem ou texto produz significados amplos, não cabíveis nas páginas impressas de um livro.

Outra via de análise, em se tratando do entendimento dos conteúdos impressos nos livros, permite-nos atentar ao fato que caso o mobralense não perceba os ideais ocultos no material, não significa dizer que eles eram incapazes de conhecer as ideologias políticas, mas sim de interpretá-las segundo sua intencionalidade do Regime, o que nos faz fortalecer visibilidade do leitor diante do material didático.

Na intenção da transmissão dos conteúdos didáticos, os leitores serão subordinados, no sentido de que estarão submetidos aos ideais, sejam eles do governo, de uma empresa comercial, de uma produtora. Esse conteúdo será sempre “perigoso”, a não ser que sua intenção e função sejam declaradas. Todavia, o papel constituído pelos leitores pode desmistificar tais pressupostos, pois cabem a estes diferentes maneiras de ler o material que é destinado a ele. A leitura é sempre (re) invenção, produção e construção de significados, assim cada leitura torna-se singular.

Em suma, concluímos que o material didático não comporta apenas a relação ensino aprendizagem. Sua importância perpassa um campo mais amplo, o da cultura brasileira. Além de ser a principal referência para formação

da escrita e do letramento, os livros são frutos das relações sociais, econômicas e políticas, portanto, apresentam as várias facetas dos momentos históricos de um país. Estudá-lo em sua amplitude significa compreender a importância da educação na construção do conhecimento histórico.

Fontes

BRASIL. **Documento Básico Mobral**. Rio de Janeiro, 1973, 67p.

MOBRAL. **Eu agora sou mais eu**. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

MOBRAL. **Assim é nossa terra nosso mundo**. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

MOBRAL. **Quem lê...vai longe**. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

MOBRAL. **Boa Pergunta**. São Paulo: Abril Cultural, 1977.

MOBRAL. **Textos**. Rio de Janeiro: Bloch, S/D.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Mobral: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro, 1979.

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. IN: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e biblioteca na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2. ed. Brasília, UnB, 1998.

CORRÊA, Arlindo Lopes. **Educação de massa e ação comunitária**. Rio de Janeiro: AGGS/MOBRAL. 1979.

MEC. **Educação de adultos no Brasil**: Subsídios para a III Conferência Internacional de Adultos. Secretaria Geral: 1971.

MELLO, Paulo Eduardo Dias de. **Materiais Didáticos para Educação de Jovens e Adultos**: história, formas e conteúdos. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MENDONÇA, Terezinha. **Movimento Brasileiro de Alfabetização: subsídios para uma leitura crítica do discurso oficial.** Goiânia: Ed.UFG, 1985.

OLIVEIRA, José Luiz. **As origens do Mobral.** 1989. 252f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1989.

OLIVEIRA, J. B. A.; GUIMARÃES, S. D. P.; BOMÉNY, H. M. B.; **A política do livro didático.** São Paulo/Campinas, Summus/Unicamp, 1984.

PAIVA, Vanilda. **História da educação popular no Brasil:** Educação Popular e Educação de Adultos. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

TAKEUCHI, Márcia Regina. **Análise material de livros didáticos para Educação de Jovens e Adultos.** Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

VEIGA, Cynthia; FONSECA, Thais Nívea (Org.). **História e historiografia da educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Abstract: The present study aimed to analyze the didactic material of Mobral, through the theoretical perspective of Cultural History. This material produced by Mobral becomes an important vehicle of values, ideologies, and culture, with the power to be a reproduction instrument of official knowledge imposed by sectors of power and State. Behind the content, there is the support, which comprises the drawing, the number of pages, the finishing, the images, the structure of the book and the selection of its contents. When presenting each of these supports, discussions are made, highlighting the limits that this type of analysis of didactic material can present to the researcher. For a cultural study of didactic production it is necessary to understand this support as a real means of materializing the speeches printed by those who produce them and allows their publication. Thus, it is concluded that the proposal is pertinent to perceive the complexity of the didactic material within a historiographic perspective in which the studies are beyond the printed contents.

Key-words: Youth and Adult Education; Didactic production; Mobral.
